



Na Mídia

21/09/2022 | [Valor Econômico](#)

América Latina na vitrine: a maratona que atraiu os fundos gringos

Cerca de 30 gestoras de venture capital vieram à região acompanhar conferências organizadas por Canary e Atlantico, Latitud e escritórios de advocacia

Manuela Tecchio

Em uma maratona de eventos para startups e gestoras de venture capital iniciada pelo Canary Atlantico Latam Tech Summit, realizado na terça, pelo menos 30 fundos gringos — entre eles a16z, QED, NFX, Riverwood e Lighrock — mandaram seus representantes ao Brasil em busca do próximo Nubank ou iFood.

Ontem, o Demarest promoveu um webinar com investidores do Softbank e Valor Capital. Nesta quarta, o Vamos Latam, organizado pela Latitud, reuniu cerca de 1,2 mil convidados no Espaço Villa Lobos, zona oeste de São Paulo. A semana ainda tem pela frente eventos do Silicon Valley Bank e do escritório de advocacia Gunderson Dettmer.



Izabel Gallera, da Canary, Santiago Fossatti, da Kaszek, e Marcelo Lima, da Monashees, em painel do Vamos Latam — Foto: Divulgação

Seja durante o pronunciamento nos painéis, entrevistas com a imprensa ou no cafezinho com os fundadores, a mensagem dos VCs gringos é quase sempre a mesma: há capital para investir, mas é preciso ganhar tempo até que as coisas voltem ao normal. Cortar custos, estender o runaway. O prazo para que o mercado volte a aquecer, no entanto, ninguém se arrisca a cravar. Um ano, um ano e meio, são as estimativas mais otimistas.

"O mercado ainda está avesso a risco, a nível global. Não é algo exclusivo entre fundos de VC ou que acontece na América Latina", disse Marcos Toledo ao Pipeline, durante o summit organizado pela Canary em parceria com a Atlantico.

"Olhando para um horizonte de dois a cinco anos para frente, a gente está super positivo com o mercado. Temos falado com diversos fundos globais e a maioria está muito interessada no que existe aqui, mais do que na média histórica. Mas ainda não estão fazendo muita coisa, isso depende de visibilidade."

Sofre menos o early stage. Para rodadas iniciais (pré-seed, seed e até series A), o mercado continua em atividade — embora cerca de 30% menor em volume e número de transações para a Canary em relação ao ano passado, por exemplo. Ao longo dos últimos cinco anos, o volume investido em startups em early stage cresceu entre 30% e 50%, enquanto o capital dedicado à fase de growth aumentou em apenas 10% no mesmo período.

"Está mais difícil levantar capital durante a fase de crescimento. Mas isso também tem feito com que as startups fiquem muito mais eficientes", avalia Pete Flint, sócio da gestora americana com foco em early stage NFX, que esteve presente em dois eventos de relacionamento com as startups. "Os maus negócios não serão financiados. Ao mesmo tempo, teremos mais empresas com boas métricas."

Em meio a um cenário global desafiador, a América Latina parece merecer a atenção dos fundos. Amanhã, em um evento fechado para investidores, o escritório de advocacia Gunderson Dettmer reúne convidados de gestoras como Quona, Upload, Riverwood e QED em um jantar. Também o Silicon Valley Bank promove uma conferência restrita a investidores. Por enquanto, o clima é de “otimismo cauteloso” para a região, como frisa um relatório lançado pela Atlantico também nesta semana e comentado nos eventos.

“A discussão é sobre ajuste. Olhando para o curto prazo, é importante entender que tem menos apetite por risco, menos capital disponível”, analisou Marcelo Lima, da Monashees, em um painel do Vamos Latam Summit nesta tarde, com a presença de Izabel Gallera, da Canary, e Santiago Fossatti, da Kaszek, com mediação de Tomas Roggio, da Latitud, que organizou o evento. “Então, é importante estender o runaway, cortar custos. A questão de um bilhão de dólares é: quanto tempo vai levar até voltar ao normal? Se você tiver mais tempo, vai ser mais fácil navegar essa tempestade.”

